

CRIAÇÃO

29 DE JUNHO DE 2019

— MIKHAEL DE OLIVEIRA SIMÕES

“Ele me fodeu como eu queria, mas não foi o suficiente”, escuto do meu quarto enquanto digito para o Hugo; cara, me adianta 100 reais pela coletânea, passo amanhã para pegar. Ele visualiza, mas sei que no instante seus olhos declinam noite adentro sem fazer concessões. Precisamos escrever, ele me diz, criar uma mitologia em torno de nós, os anti-heróis provincianos. Muito simples, como o Kerouac fez com Lowell, faremos com Jundiaí: nada menos do que botar esta cidadela na rota mundial da literatura. E o tesão? As tentativas não passam de meia dúzia de relatos duvidosos, tento dizer. Sobram nomes de arquivos no meu notebook: *diario-das-cartas-não-escritas doc.*, *diario-dos-sonhos-eroticos doc.*, *diario-das-punhetas-imaginarias doc.*, *diario-das-nostalgias-de-um-auto-exilado-apos-esquecer-propositalmente-o-rostro-do-Pai doc.* Transcrever alguns áudios também é um bom contratempo para acalmar qualquer pretensão de linearidade e certeza.

Hoje sonhei com a Evelin. Estávamos em uma casa colorida com corredores largos. Havia uma espécie de ritual doméstico em que o objetivo era conviver despreziosamente, como se a única regra, não declarada por ambas as partes, fosse seguir os próprios impulsos. Não demorei em perceber que o ambiente era condicionado, já que não havia liberdade de ir e vir pelos cômodos da casa. A intriga estava definida em um ciclo de revelações não necessariamente catárticas e um tanto sufocante para personagens planos. Previ todas as possibilidades de movimento e perdas que cada um de nós identificaria no decorrer dos atos e logo me desanimei. Os rostos se avivavam segundo a vontade de um narrador indelicado. Passaram-se poucos dias na casa até, enfim, eu reter a melancolia; entrei em uma sala de espelhos e só vi pés de cadeiras e mãos em silêncio. Pedi licença e me levantei. Evelin ficou.

Cara, enfatiza o Hugo, me envia seu texto, vou mostrar para o André, o dono da editora que publicou meus haicais. Ele tem potencial para explorar nosso trabalho. Só vai faltar um diagramador e então vamos publicar um livro a cada dois meses. Tudo bem, mas me deixa falar algo: são 20 CDs acompanhando os fascículos em perfeito estado. Guardei exclusivamente para você, não venderia para outra pessoa. De irmão mesmo, preciso do dinheiro e você sabe. Um nome é sempre uma promessa, degusto depois da oração. Só o do Chet Baker que está um pouco riscado já que o inverno de 2014 foi muito longo, era tudo recente e eu ainda não sabia ouvir música direito. Acho que não

preciso mais dele. Você é meu irmão de escrita, ele me lembra de novo, vou te ajudar no que for preciso: vamos render essa cidade, tomá-la de assalto. Você já percebeu como a cerveja está cara?

Enquanto o Hugo Viela está digitando eu releio algumas passagens do meu diário em busca do início da despedida. Confesso que foram poucas as vezes em que me comoveram os fins de anos, as festas de aniversário e os velórios de família. Ser ausente me deu a oportunidade de pouco ligar para as minúcias da morte e os costumes instantâneos de felicidade. Hoje meu propósito se abrevia apenas em ser sintético enquanto eu escrevo. Saber que coração e palavra estão alinhados e que o tempo é a história em ação. Escrever, alguém mais vaidoso me diz, precisa ser hábito sem a dor do receio, ato que não oscile entre metáfora e fracasso, mas que reconheça em si a força de qualquer impasse. Que meu personagem escape a todo instante não como problema de coerência, mas reflexo de um tempo inesperado para o sujeito. Esses, talvez, eram meus únicos votos para 2019. Não só isso, recordo-me que no final do ano assisti novamente *No Intenso Agora*, creio que pela quarta vez, com o detalhe de ter que parar no meio do filme para ouvir os fogos. Um homem maltrapilho parou em frente de casa, olhando as cores negras no céu. Chamou-me atenção quando ganhou um abraço da vizinha, recebeu junto um deus te abençoe e dois pedaços de pizza. Nem reparou que eu fumava logo ali na garagem e observava a ação com um desdém narrativo. Que contraditório é desejar qualquer coisa a alguém nessas condições. A beleza é o que não pode ser antecipado, alguém disse naquela noite. Reescrevi o primeiro parágrafo da novela *Ainda é inverno*, Camila ciente dos rastros que devo deixar para os meus biógrafos. Algo sutil, um nome de rua ou de um clube do bairro que fechou há 30 anos, talvez uma frase de canto de boca lido na tela escura do celular: “ao seu lado sou o que não gosto de ser”.

Tive uma série de iluminações hoje. Escreveremos microrrelatos, instantâneos da província, diz Hugo Viela enquanto continua escrevendo seus poemas incitando o terrorismo poético. Às vezes me incomoda a indefinição da poesia, outras, o tom eufórico que não titubeia quando chove. Sinto-me alheio à leitura desses objetos poéticos que organizam seu mundo. Os poemas alcançam uma quantidade de reações razoáveis e positivas. Está tudo bem. Nenhuma ficção é absoluta, li hoje em um texto do Rolando Sanchez Mejías. É difícil enxergar as nervuras da teia e não cantar seu juízo. Não consigo entender onde está a potência das escritas que logram pelo contrapé. Prefiro ficar aqui, na incertidão, no não lugar. Claro, como leitor ideal eu percebo perfeitamente o jogo de sedução, mas que escritor realmente se importa a ponto de trocar suas receitas de remédio por páginas em branco? Ainda parafraseando o autor cubano, eu somente escrevo para não ser marionete do coração.

“Quero que me coma inteira, com todos os tapas e mordidas que puder me dar.” Eu preciso de um emprego decente, penso cerceado pelas paredes.

Os outros 100 você me paga em julho. É uma boa introdução, de Billie Holiday a Chick Corea. Eu não ligo, tô desapegando. Nem parece, mas o tom amarelo da capa lembra a todos que 2014 foi um ano longo. Meu maço está no fim e eu preciso comprar outro, é isso. Bom, tem as aulas no Centro de Línguas, no próximo semestre quero colocar você lá dentro. Dividimos o salário. Setembro, marca aí. Certo, nos vemos amanhã?

Todos dormem, enfim. Já são perto das 4 horas da manhã e estou empolgado com uma entrevista do Deleuze sobre história e acontecimento. Tomei um Ban-chá e sem açúcar tem gosto de terra. O pensar no objeto foi produzido por um sentimento de transgressão, como se meu olhar fosse unicamente uma experiência temporal sujeita a um saber e poder socialmente dominantes. Guardei que há uma necessidade, nas palavras do filósofo, em se desprender das condições designadas pela história. O acontecimento em seu devir escapa e os movimentos da escrita devem ser máquinas de guerra para produzirem novos espaços-tempos. É a fuga do sentido latente das palavras, é uma rede de presentes que não deixaram ainda de ser possibilidades. O devir é o intempetivo, o que me faz pensar se a própria poesia não pode ser entendida como um eterno devir, como um novo acontecimento, como um processo de acontecer. Os poetas deveriam justamente renegar essa sorte, ou considerá-la apenas como cenário de um jogo de tensões que logo estará desatualizado. No mais, é preciso não se levar a sério, como se diante de nós – na verdade, é só um eu um pouco mais expansivo – emergisse um sem-fim de veias prestes a romper, e na explosão desses velhos fios fosse possível lembrar-se ou tornar-se enfim seu próprio destino. Disse um último adeus ao Coltrane, Miles e toda a turma do sopro, bati uma punheta e agora vou dormir profundamente nesse domingo. ■